

Ensaaios nas Ciências Agrárias e Ambientais 8

**Carlos Antônio dos Santos
(Organizador)**

Atena
Editora
Ano 2019



Carlos Antônio dos Santos
(Organizador)

Ensaio nas Ciências Agrárias
e Ambientais 8

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E59 Ensaio nas ciências agrárias e ambientais 8 [recurso eletrônico] /
Organizador Carlos Antônio dos Santos. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Ensaio nas Ciências Agrárias e
Ambientais; v. 8)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-151-0

DOI 10.22533/at.ed.510192702

1. Agricultura. 2. Ciências ambientais. 3. Pesquisa agrária -
Brasil. 4. Tecnologia sustentável. I. Santos, Carlos Antônio dos.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Ensaio nas Ciências Agrárias e Ambientais” surgiu da necessidade de reunir e divulgar as mais recentes e exitosas experiências obtidas por pesquisadores, acadêmicos e extensionistas brasileiros quanto à temática. Nos volumes 7 e 8, pretendemos informar, promover reflexões e avanços no conhecimento com um compilado de artigos que exploram temas enriquecedores e que utilizam de diferentes e inovadoras abordagens.

O Brasil, em sua imensidão territorial, é capaz de nos proporcionar grandes riquezas, seja como um dos maiores produtores e exportadores de produtos agrícolas, seja como detentor de uma grande e importante biodiversidade. Ainda, apesar das Ciências Agrárias e Ciências Ambientais apresentarem suas singularidades, elas podem (e devem) caminhar juntas para que possamos assegurar um futuro próspero e com ações alinhadas ao desenvolvimento sustentável. Portanto, experiências que potencializem essa sinergia precisam ser encorajadas na atualidade.

No volume 7, foram escolhidos trabalhos que apresentam panoramas e experiências que buscam a eficiência na produção agropecuária. Muitos destes resultados possuem potencial para serem prontamente aplicáveis aos mais diferentes sistemas produtivos.

Na sequência, no volume 8, são apresentados estudos de caso, projetos, e vivências voltadas a questões ambientais, inclusive no tocante à transferência do saber. Ressalta-se que também são exploradas experiências nos mais variados biomas e regiões brasileiras e que, apesar de trazerem consigo uma abordagem local, são capazes de sensibilizar, educar e encorajar a execução de novas ações.

Agradecemos aos autores vinculados a diferentes instituições de ensino, pesquisa e extensão, pelo empenho em apresentar ao grande público as especialidades com que trabalham em sua melhor forma. Esperamos, portanto, que esta obra possa ser um referencial para a consulta e que as informações aqui publicadas sejam úteis aos profissionais atuantes nas Ciências Agrárias e Ambientais.

Carlos Antônio dos Santos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENOTURISMO E O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS	
Filipe Mello Dorneles Marielen Aline Costa da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5101927021	
CAPÍTULO 2	11
PROJETO AS CORES DO SOLO: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DA JUVENTUDE RURAL PARAIBANA ATRAVÉS DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	
Wedson Aleff Oliveira da Silva Amanda Dias Costa Katarine da Silva Santana Albertina Maria Ribeiro Brito de Araujo Alexandre Eduardo de Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.5101927022	
CAPÍTULO 3	16
HORTAS COMUNITÁRIAS DE CAXIAS DO SUL: OPORTUNIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO PELO DESIGN GRÁFICO	
Maria Luisa da Rocha de Rezende Gislaine Sacchet Gabriel Bergmann Borges Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.5101927023	
CAPÍTULO 4	29
EFEITO DE BORDA EM FRAGMENTOS FLORESTAIS E A APLICAÇÃO DOS INDICADORES DE QUALIDADE DO SOLO	
Danilo Brito Novais Mayan Blanc Amaral Nathália Fortuna Pestana e Silva Edevaldo de Castro Monteiro Gladys Julia Marín Castillo Rita Hilário de Carvalho Thiago Gonçalves Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.5101927024	
CAPÍTULO 5	38
MANEJO FLORESTAL DO CUMARU: UM EXPERIMENTO RENTÁVEL E SUSTENTÁVEL EM ÓBIDOS, ESTADO DO PARÁ	
Fabiana Gomes Fábio Izis Anié de Paiva Câncio	
DOI 10.22533/at.ed.5101927025	
CAPÍTULO 6	51
COMPREENSÃO DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA MESORREGIÃO DO SERTÃO PARAIBANO	
Idmon Melo Brasil Maciel Peixoto Raphael Abrahão	
DOI 10.22533/at.ed.5101927026	

CAPÍTULO 7 70

BALATEIROS DO MAICURU: TRABALHO, CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E MEMÓRIA COMO EXPERIÊNCIA SOCIAL

Marcelo Araújo da Silva
Rosiane de Sousa Cunha
Suelen Maria Costa Monteiro
Wandicleia Lopes de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.5101927027

CAPÍTULO 8 80

AValiação DAS TAXAS DE DESMATAMENTO DE TRÊS TERRAS INDÍGENAS NO MÉDIO AMAZONAS

Leovando Gama de Oliveira
Alan Lopes da Costa
Dheyne dos Santos Costa
Fabricia Maciel Cunha
Arleson de Araujo Lima

DOI 10.22533/at.ed.5101927028

CAPÍTULO 9 89

CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE DE MICROALGAS EM UM TRECHO DO RIO JAGUARIBE-ARACATI-CE

Antônia Duciene Feitosa Lima
Glácio Souza Araujo
Cícero Silva Rodrigues de Assis
Bruno Araujo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.5101927029

CAPÍTULO 10 97

CONDIÇÕES AMBIENTAIS DE UMA BACIA HIDROGRÁFICA NO ESPAÇO URBANO-RURAL NA AMAZÔNIA CENTRAL

Maria Anete Leite Rubim
Lídia Rochedo Ferraz

DOI 10.22533/at.ed.51019270210

CAPÍTULO 11 110

CONFLITOS SOCIAMBIENTAIS E URBANIZAÇÃO NO ÂMBITO DA BACIA DO LAGO DO MAICÁ, SANTARÉM-PA

Pauliana Vinhote dos Santos
Izaura Cristina Nunes Pereira Costa

DOI 10.22533/at.ed.51019270211

CAPÍTULO 12 119

HABITAR ÀS MARGENS PROJETO DE REQUALIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE RISCO NO BAIRRO MAUAZINHO

Lara Chaves

DOI 10.22533/at.ed.51019270212

CAPÍTULO 13	138
CONFORTO TÉRMICO AMBIENTAL	
Léia Beatriz Vieira Bentolila Carlos Alexandre Santos Querino Juliane Kayse Albuquerque da Silva Querino Aryanne Resende de Melo Moura Sara Angélica Santos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.51019270213	
CAPÍTULO 14	147
PROTAGONISMO JUVENIL E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PURAQUEQUARA	
Lidia Rochedo Ferraz Maria Anete Leite Rubim	
DOI 10.22533/at.ed.51019270214	
CAPÍTULO 15	157
CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA SECRETÁRIA DE DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR DO MUNICÍPIO DE SENHOR DO BONFIM-BA	
Gilson Longuinho dos Santos Junior Ana Cristina dos Santos Alves Alaécio Santos Ribeiro Laize Evangelista da Silva Hellen Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.51019270215	
CAPÍTULO 16	167
PIBID E FORMAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES, REFLEXÕES E PRÁTICAS	
Adriane do Nascimento de Melo Leuzanira Furtado Pereira Paulo Protásio de Jesus Alberico Francisco do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.51019270216	
CAPÍTULO 17	176
SABERES TRADICIONAIS INDÍGENAS E SUSTENTABILIDADE: DIÁLOGOS NA CONSTRUÇÃO DO (ETNO)DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Miguel Bonumá Brunet	
DOI 10.22533/at.ed.51019270217	
CAPÍTULO 18	190
SANTAS CRUZES NO HOTSPOT MATA ATLÂNTICA. EXPRESSÃO CULTURAL DE BAIXO IMPACTO AMBIENTAL	
Paulo Sérgio de Sena Julierme de Siqueira Farias Ewerton da Silva Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.51019270218	

CAPÍTULO 19 197

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE *Lontra longicaudis* IN SITU

Caio Ferreira
Douglas P. L. Gomes
Andrea Chaguri
Karla A. R. Lopes

DOI 10.22533/at.ed.51019270219

CAPÍTULO 20 205

DIAGNÓSTICO DE DESAFIOS AMBIENTAIS NA MICROBACIA DO CÓRREGO FRANCISQUINHA

Renato Moreno Rebelo Vaz
Juliana Mariano Alves
Fred Newton da Silva Souza

DOI 10.22533/at.ed.51019270220

SOBRE O ORGANIZADOR..... 216

ENOTURISMO E O DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL: O CASO DO VALE DOS VINHEDOS

Filipe Mello Dorneles

Universidade Federal do Pampa, Programa de Pós-Graduação em Administração
Sant'Ana do Livramento – Rio Grande do Sul

Marielen Aline Costa da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Agronegócios
Porto Alegre – Rio Grande do Sul

RESUMO: O enoturismo assim como o turismo rural, apresenta papéis fundamentais no desenvolvimento social e econômico e na proteção do território. Neste sentido, o presente artigo possui como objetivo abordar o enoturismo e sua relação com o desenvolvimento territorial sustentável. Este ensaio teórico, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva através da pesquisa bibliográfica. A partir da presente pesquisa bibliográfica pode-se perceber que o enoturismo possui características e peculiaridades capazes de o “definir” como estratégia potencial de desenvolvimento territorial sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Territorial, Enoturismo, Sustentabilidade.

ABSTRACT: Enotourism as well as rural tourism has fundamental roles in social and economic development and in the protection of the territory. In this sense the present article aims to address

enotourism and its relationship with sustainable territorial development. This theoretical essay is characterized as a qualitative and descriptive research through bibliographic research. From this bibliographical research it can be seen that wine tourism has characteristics and peculiarities capable of defining it as a potential strategy for sustainable territorial development.

KEYWORDS: Territorial Development, Wine Tourism, Sustainability.

1 | INTRODUÇÃO

O desenvolvimento econômico, segundo Bresser-Pereira (2006), pode ser compreendido como um fenômeno histórico que passa a ocorrer nos países que realizam sua revolução capitalista, e se caracteriza pelo aumento sustentado da produtividade ou da renda por habitante, acompanhado por sistemático processo de acumulação de capital e incorporação de progresso técnico. Ou seja, é um fenômeno relacionado com o surgimento das duas instituições fundamentais do sistema capitalista: o estado e os mercados. No entanto, entre as décadas de 1950 e 1980 o debate acerca do desenvolvimento associado a ideia de crescimento econômico, viu a expansão de seu arcabouço teórico e sua crise acontecerem em um curto espaço de tempo, quando diversos

projetos de desenvolvimento, que se colocavam como promessas para a sociedade, se depararam com realidades socioeconômicas que não os legitimava enquanto alternativas válidas para o conjunto da sociedade, como salientam Aguiar et al. (2009).

Paralelamente as discussões em torno do tema desenvolvimento, emerge no cenário internacional questões relacionadas ao meio ambiente, e sua relação com os modelos de crescimento/desenvolvimento e com os padrões de produção e de consumo a eles associados. Neste contexto, desponta o conceito de desenvolvimento sustentável, que ganha força em 1980, mais especificamente na Conferência Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1987). A noção de desenvolvimento sustentável se consolida como forma de combater a miséria, preservar o ambiente e gerar bem-estar social, pelas agências de financiamento, organizações não governamentais e os próprios governos (AGUIAR et al., 2009).

Dessa forma, com o avanço dos debates sobre desenvolvimento e sustentabilidade novas lentes angulares passam a permear essas discussões, como a abordagem territorial. Segundo Flores e Medeiros (2009), com a expansão da globalização o território passou a ser valorizado, sendo percebido como um sistema aberto e dinâmico, que sofre e recebe influências e pode ser abordado em esferas indo do micro ao macro, dando espaço à noção de desenvolvimento local, onde a identidade e as características de cada território passam a ser um ativo capaz de estimular seu próprio desenvolvimento, como afirma Azevedo (2003). Todavia, as autoras ressaltam que, embora os conceitos de território e sustentabilidade sejam temas amplamente debatidos nos últimos vinte anos, sua integração não é algo evidente, sendo difícil encontrar definições e conceituações amplamente aceitáveis.

De acordo com a LEADER - experiência de desenvolvimento local em meio rural que surgiu na Europa em 1992 – a abordagem territorial prevê o desenvolvimento a partir das realidades, forças e fraquezas específicas de uma determinada zona com certa homogeneidade e caracterizada pela sua coesão interna, entidade partilhada e presença de recursos endógenos (FERREIRA, 2009). Assim, o território é definido como “uma representação coletiva, baseada na integração das dimensões geográficas, econômicas, sociais, culturais, políticas, etc.” (AIELD, 2001). Corroborando com esta ideia, Favareto (2007) argumenta que a questão territorial deve ser abordada em suas diferentes dimensões: política (em se tratando de espaço-poder), cultural (território vivido, como apropriação) econômica (dimensão espacial das trocas), e natural (comportamento natural do homem e ambiente físico).

Anjos (2014) salienta que a abordagem territorial do desenvolvimento envolve a necessária transição do enfoque setorial para o enfoque espacial, sendo necessário buscar a conciliação de distintos atores e interesses, de modo que o desenvolvimento territorial não pode ser visto como a reiteração de iniciativas ligadas a criação ou fortalecimento de cadeias produtivas, mas sim, de cadeias de valor, como no caso de indicações geográficas, que não envolvem apenas a valorização de um produto, mas de uma “cesta” de produtos e serviços que articulam em torno de si uma série de

atores e segmentos como o turismo, serviço, hotelaria, entre outros.

Entre as atividades que vêm sendo implantadas e/ou estimuladas como estratégias de desenvolvimento territorial, Vieira e Pellin (2014) destacam a vitivinicultura. Os arranjos produtivos locais (APLs) vitivinícolas além de responsáveis pelas características produtivas dos chamados territórios do vinho, estão também atrelados aos aspectos culturais e institucionais do ambiente local.

Apartir desta perspectiva, de olhares voltados aos territórios e seu desenvolvimento, e frente a expansão dos APL's vitivinícolas do Novo Mundo, territórios como o Vale dos Vinhedos passam a despertar, cada vez mais, o interesse de empreendedores e pesquisadores. Neste sentido, buscando compreender parte da complexidade do processo de desenvolvimento territorial do Vale dos Vinhedos - região de maior produção de vinhos do Brasil, localizado na Serra do Rio Grande do Sul, o presente artigo se propôs a retratar a situação do território nos anos de 2000 e 2010 e as possíveis contribuições e impactos do enoturismo para este cenário.

2 | METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se pela metodologia descritiva, de corte qualitativo. A análise qualitativa foi baseada em dados advindos da pesquisa bibliográfica, enquanto a análise quantitativa utilizou dados e indicadores das dimensões social, econômica, ambiental e demográfica. Para cada dimensão foram selecionadas entre 3 e 5 variáveis representativas, as quais foram obtidas através do Atlas de Desenvolvimento Humano Municipal do Brasil. Segundo Waquill et al. (2005) são consideradas múltiplas dimensões, cada uma composta por um amplo conjunto de variáveis, com o intuito de captar a complexidade e a diversidade dos processos de desenvolvimento territorial. Assim, a justificativa para a escolha das variáveis em cada dimensão é a busca da caracterização e distinção dos territórios com grande riqueza de informações, sem no entanto sobrepô-las em excesso.

3 | ENOTURISMO, DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL SUSTENTÁVEL E O VALE DOS VINHEDOS

A prática enoturística é caracterizada pela visitação a vinhedos, cantinas, festivais e exposições do vinho, sendo este – o gosto pelo vinho ou pela região produtora – o elemento central, motivador. Já para os empreendimentos vinícolas o mesmo caracteriza-se como uma estratégia de consolidação das relações consumidor/ produtor (HALL e MANCIONIS, 1998). Para Flores (2011) o enoturismo apresenta-se como uma forte tendência, uma vez que aliar o vinho e turismo se torna uma opção interessante por duas frentes: se o vinho é um atrativo para o turismo, por outro lado, o turismo tem papel importante ao contribuir com a divulgação e venda dos produtos,

além de auxiliar as vinícolas a estabelecer vínculos com os clientes.

Localizado no Estado do Rio Grande do Sul, o território do Vale do Vinhedos é considerado a principal atração enoturística do país. De acordo com dados da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (APROVALE), o Vale está inserido no encontro dos municípios de Bento Gonçalves (60%), Garibaldi (33%) e Monte Belo do Sul (7%), e representa o legado histórico, cultural e gastronômico deixado pelos imigrantes italianos que chegaram à região em 1875, em perfeita harmonia com as modernas tecnologias para produção de uva e vinhos finos e infraestrutura turística de alta qualidade, sendo caracterizado pelo compartilhamento de pequenas propriedades rurais com vinícolas de diferentes portes, desde vinícolas familiares, boutiques, de garagem com empreendimentos internacionais.

Quanto ao enoturismo o território destaca 6 grandes áreas: 1) Cultura e tradição: herança europeia; 2) Paisagem: explora a beleza natural e característica da atividade produtiva local; 3) Vinhos: a denominação de origem garante a alta qualidade e identidade dos vinhos do Vale dos Vinhedos; 4) Gastronomia: explora do tradicional da cultura italiana ao moderno; 5) Hospedagem: o território conta hospedagens familiares até Spas e vasta rede hoteleira; 6) Eventos: durante as 4 estações do ano são realizados eventos que vinculam a produção de vinhos aos demais recursos endógenos do território. Dentro das diversas modalidades o Vale dos Vinhedos conta com uma estrutura enoturística de mais de 70 empreendimentos (APROVALE, 2017).

Segundo dados das secretarias municipais de turismo, Bento Gonçalves é conhecida turisticamente como a Capital da Uva e Vinho, sendo responsável pela produção de até 85% dos vinhos nacionais, sediando a Avaliação Nacional de Vinhos e o Concurso Internacional de Vinhos do Brasil, bem como a Fenavinho – Festa Nacional do Vinho (a mais antiga festa comunitária do município). Já Garibaldi é conhecida como a Capital do Espumante, possuindo um roteiro composto por mais de 20 vinícolas, enquanto Monte Belo do Sul é reconhecida por sua identidade cultural e herança italiana, expressas em suas 12 vinícolas, a maioria familiar e de pequeno porte.

De acordo com Valduga (2007), os primeiros indícios de enoturismo no Vale dos Vinhedos surgiram nas décadas de 1970 e 1980, com o início da produção de vinhos finos e sua venda direta, atraindo os consumidores locais e de arredores. Nesta década, algumas festas ligadas ao vinho – Fenachamp, Fenavinho - também contribuíram para atração dos turistas. No entanto, foi na década de 1990, a partir da evolução tecnológica do setor vitivinícola, fortalecimento das vinícolas familiares e criação da APROVALE, que o enoturismo se consolidou no território. Já na década de 2000, o Planejamento Estratégico do Vale dos Vinhedos, desenvolvido pela APROVALE, deu início a uma série de estratégias para o desenvolvimento e melhoria da infraestrutura enoturística na região.

Assim, por meio da análise das dimensões acima citadas, pode-se constatar que, de modo geral, as variáveis estudadas nos três municípios do território do Vale dos

Vinhedos, nos anos de 2000 e 2010, mantiveram-se próximas aos melhores valores observados na região do COREDE Serra Gaúcha. No que tange a dimensão social no ano de 2000, as variáveis mortalidade infantil, IDHM longevidade e IDHM educação foram as que se encontraram mais próximas dos melhores valores do COREDE da região, enquanto a taxa de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo e a porcentagem de vulneráveis à pobreza estiveram mais distantes dos melhores valores. O mesmo se repetiu no ano de 2010, como mostra a tabela 1.

Municípios	Mortalidade infantil (%)		IDHM Longevidade		IDHM Educação		% de 18 a 20 anos com médio completo		% de vulneráveis à pobreza	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Bento Gonçalves	13,9	12,1	0,833	0,842	0,569	0,695	39,17	49,36	14,09	5,26
Garibaldi	15,1	11	0,82	0,856	0,579	0,688	44,56	50,16	13,31	4,06
Monte Belo do Sul	13,3	11,3	0,84	0,852	0,432	0,663	32,46	65,13	23,64	7,39

Tabela 1 – Indicadores sociais dos municípios pertencentes ao Vale dos Vinhedos, RS, nos anos de 2000 e 2010.

Fonte: Autores (2017).

Quanto a dimensão econômica o território do Vale dos Vinhedos também apresentou dados semelhantes aos demais municípios do COREDE Serra (tabela 2). No entanto, é importante ressaltar o comportamento das variáveis econômicas no município de Monte Belo do Sul, em ambos os anos (2000 e 2010). Os indicadores IDHM renda e renda per capita do município ficaram próximos aos piores resultados entre os municípios observados. Alguns fatores que “supostamente” podem explicar esta diferença são as características relacionadas aos tipos de atividades econômicas desenvolvidas no município. Enquanto Monte Belo possui uma economia tipicamente agrícola, com aproximadamente 50% do PIB municipal da década de 2000 originário de atividades agropecuárias (EMBRAPA, 2008), outros municípios do COREDE Serra Gaúcha, como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi possuem como fonte principal de seus PIBs municipais a arrecadação advinda das indústrias de metal-mecânica, processamento de alimentos e moveleiras. Neste sentido, Garibaldi foi município que apresentou a melhor evolução de seus indicadores no período de 10 anos, o que se deve ao setor metal-mecânica, responsável pela maior receita líquida e faturamento no final da década de 2000, como indica o balanço econômico realizado pelo governo municipal.

Municípios	Índice de Gini		IDHM Renda		Renda Per capita (R\$)	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Bento Gonçalves	0,47	0,44	0,762	0,805	981,21	1196,56
Garibaldi	0,48	0,51	0,76	0,825	907,45	1355,37
Monte Belo do Sul	0,39	0,33	0,685	0,752	569,45	861,81

Tabela 2 – Indicadores econômicos dos municípios pertencentes ao Vale dos Vinhedos, RS, nos anos de 2000 e 2010.

Fonte: Autores (2017).

Da mesma forma, no que se refere a questão ambiental, o território estudado apresentou no anos de 2000 e 2010 resultados muito próximos aos melhores municípios do COREDE, sendo que mais uma vez o município de Monte Belo do Sul apresentou resultados mais distantes dos melhores (Tabela 3). O mesmo pode ser percebido na dimensão demográfica, cujo Monte Belo do Sul também demonstrou indicadores com valores distantes dos melhores observados no COREDE, sendo que mesmo apresenta uma dinâmica de baixa densidade populacional, desequilíbrio nas relações entre população masculina e feminina, bem como na população rural e urbana, como mostra a Tabela 4.

Municípios	% domicílios com água encanada		% domicílios com banheiro e água encanada		% domicílios coleta de lixo		% domicílios com água e esgotamento sanitário inadequados	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Bento Gonçalves	98,56	97,34	97,18	99,27	98,62	99,88	0,24	0,19
Garibaldi	97,44	91,51	97,53	99,88	96,59	99,32	0,17	--
Monte Belo do Sul	98,47	96,00	94,92	99,42	86,67	96,43	2,39	0,27

Tabela 3 - Indicadores ambientais dos municípios pertencentes ao Vale dos Vinhedos, RS, nos anos de 2000 e 2010.

Fonte: Autores (2017).

Municípios	Taxa de Urbanização		Taxa de Envelhecimento		Razão PM/F**		Razão PR/U***	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Bento Gonçalves	0,89434449	0,923479185	6,38	8,42	0,974489576	0,963611736	0,118137375	0,08286144
Garibaldi	0,867611489	0,886669491	7,12	9,26	0,991420185	0,984031549	0,152589624	0,127815957
Monte Belo do Sul	0,215625	0,288389513	12,22	16,55	1,023893183	1,01509434	0,274900398	0,405263158

Tabela 4 - Indicadores demográficos dos municípios pertencentes ao Vale dos Vinhedos, RS, nos anos de 2000 e 2010

Fonte: Autores (2017).

Em suma, o cenário observado no território, por meio dos indicadores e variáveis observados, assim como a observação empírica do Vale dos Vinhedos, permite aferir

sobre as condições favoráveis de desenvolvimento territorial sustentável na qual o mesmo encontrou-se na década de 2000. Embora, não se possa atribuir o sucesso dos indicadores ao enoturismo, ou apenas ao enoturismo - uma vez que outros municípios da região que não possuem atividades de enoturismo apresentam dados semelhantes ou melhores aos dos municípios do Vale - é importante destacar o papel que este tem na consolidação e crescimento do setor vitivinícola, que é grande responsável pela geração de emprego, renda e arrecadação dentro do Vale dos Vinhedos.

O turismo do vinho é uma atividade que vem caminhando lado a lado com a melhoria da produção de vinhos de qualidade. Além de promover a comercialização e a cultura do vinho, esta modalidade é capaz de promover diversos benefícios socioeconômicos, em especial quando em áreas rurais, ou seja, em especial quando ocorre associado ao processo de produção de uvas. Atividades não agrícolas no meio rural, como o turismo, são um processo de mudança com repercussões nas esferas social, econômica e cultural, que de um modo ou outro afetam a vida das pessoas e transformam a sua condição (SCHNEIDER, 2006). Para Barbieri (2010), além de proporcionar benefícios aos empreendedores, o agroturismo preserva os serviços intangíveis que a terra fornece a sociedade, juntamente com a produção de alimentos, tais como amenidades ambientais, oportunidades de lazer, gestão da paisagem, da biodiversidade e da cultura.

De modo geral, as práticas enoturísticas têm sido apontadas como elementos significativos no desenvolvimento socioeconômico e renascimento das regiões rurais. Entre as principais razões está sua contribuição econômica e social para as comunidades rurais. Além disso, há outras razões, como o fornecimento de receitas adicionais para a exploração agrícola, promoção e proteção dos valores ambientais e culturais, bem como a fonte de emprego para os membros das famílias e das comunidades locais. No entanto, Valduga et al. (2012) e Flores (2011) salientam que a atividade turística pode incorrer em aspectos negativos importantes como impactos ambientais, alterações da paisagem rural, especulação imobiliária, questões relacionadas com a biossegurança dos vinhedos, o que requer cautela em sua aplicação, sobretudo ao observar os princípios do desenvolvimento territorial sustentável.

Por fim, é importante destacar que identificar a contribuição e impactos de atividades econômicas e culturais, específicas como o enoturismo, é ainda um desafio. A dificuldade de obter-se indicadores singulares a esta modalidade, uma vez que os mesmos encontram-se atrelados a dados conjuntos dos setores vitivinícola e/ou turístico, acabam impedindo a constatação quantitativa das eventuais contribuições do enoturismo para o desenvolvimento territorial sustentável. Um exemplo de tal desafio são os dados do Observatório de Turismo do Estado do Rio Grande do Sul, vinculado à Secretaria de Turismo Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul (SETEL), que ao apresentar a contribuição do turismo para a arrecadação de imposto para o município de Bento Gonçalves - onde está localizado 66% do território enoturístico do Vale dos Vinhedos, o faz apenas sobre um tipo de imposto (ISSQN), analisando

as atividades características do turismo (ACTs)¹, o que não permite diferencia a contribuição econômica de cada modalidade de turística, como o enoturismo ou turismo rural.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da reflexão realizada no presente artigo foi possível iniciar uma discussão quanto ao desenvolvimento territorial sustentável e como o enoturismo pode contribuir ou não para o fomento desse processo. Ao descrever o surgimento do debate acerca da sustentabilidade e da abordagem territorial do desenvolvimento evidencia-se que, embora tal discussão venha ocorrendo com maior intensidade na última década, este é um tema de grande complexidade que, além de envolver diferentes dimensões (ambiental, social, econômica, institucional e cultural), envolve também as especificidades de cada território. Dessa forma, ao posicionar-se sobre o processo de desenvolvimento territorial sustentável de determinado território é necessário ter cuidado para que as conclusões e ideias não sejam generalizadas para realidades e práticas distintas.

Em relação ao enoturismo, este também se evidencia como uma atividade complexa, que alia a produção vitícola, característica de regiões agrícolas, o setor vinícola e sua rede de atores, bem como o cluster do turismo, sendo importante reconhecer as singularidades dessa prática. Assim, no decorrer da presente pesquisa pode-se perceber que, em determinados territórios, o enoturismo possui características e peculiaridades capazes de o “definir” como estratégia potencial de desenvolvimento territorial sustentável.

No caso do Vale dos Vinhedos, os resultados observados demonstram que embora tenha-se acompanhado um processo de expansão da vitivinicultura da região - com a consolidação do território como referência de enoturismo, a conquista das indicações geográficas, a exportação e premiação mundial de seus produtos, entre outros, as dimensões que garantem um desenvolvimento sustentável, com ênfase nos fatores endógenos do território, não diferiram significativamente dos indicadores dos demais municípios da região da Serra Gaúcha. Tais aspectos podem ser explicados por conflitos que se consolidam em torno das atividades produtivas locais (vitivinicultura, metalmeccânica, transformação), como a exclusão da população local a partir do processo de especialização produtiva, bem como por fatores ligados a própria dinâmica territorial e relações político-institucionais. Todavia, deve-se evidenciar o papel do enoturismo como oportunidade de fortalecimento do setor vitivinícola através da consolidação de marcas e do território, dinamizando, em certa medida, a economia local, bem como contribuindo para a reterritorialização e resgate da identidade de atores locais.

1. ACTs consiste em uma lista de atividades características do turismo que segue as Recomendações Internacionais de Estatística de Turismo (RIET).

Outro fator a ser ressaltado na análise do desenvolvimento sustentável do território é a limitação da metodologia utilizada. Em geral, a construção de ferramentas que mensurem o processo de desenvolvimento está diretamente vinculada aos debates e emergência de diferentes abordagens sobre o tema. No entanto, muitas vezes, metodologias quantitativas, como o uso de indicadores, não conseguem expressar a realidade, mas apenas expressam informações que simplificam a complexidade dos fatos e do território. Tal situação pode ser percebida no decorrer deste estudo. A utilização de uma base para valores máximos e mínimos de municípios com características demográficas e econômicas tão distintas do território do Vale dos Vinhedos, por vezes, intensificou a limitação da metodologia em descrever a realidade dos municípios analisados.

Embora, seja possível verificar o importante papel do enoturismo dentro do território, vale ressaltar que nem sempre este é capaz de promover o desenvolvimento territorial sustentável. Em muitos territórios a prática está vinculada ao capital externo, limitando sua cooperação ao crescimento econômico, e até mesmo excluindo a população local da efetiva participação nas tomadas de decisões sobre o território e na criação de políticas públicas para o setor e para a comunidade em questão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. D. S. et al. Do desenvolvimento ao desenvolvimento territorial sustentável: os rumos da região do vale do Taquari no início do século XXI. **Análise**, Porto Alegre n. 20, p. 84-102, 2009.

AIELD. **Guia pedagógico da ação LEADER**. Observatório do LEADER II, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/U2ZJco>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2017.

ANJOS, F. S. Abordagem territorial e desenvolvimento: tópicos sobre a natureza de um debate inacabado. In: BADALOTTI, R. e COMERLATTO, D. (Org.). **Território, Territorialidades e Estratégias de Desenvolvimento Regional**, Passo Fundo: Imed, 2016, p. 14-28.

AZEVEDO, B. Clusters: os distritos industriais dos países em desenvolvimento. In: **Desenvolvimento em Questão**. Ijuí: Ed Unijui, 2003. p. 99-121.

BAIDAL, J. A. I.; REBOLLO, J. F. V.; FERNÁNDEZ, A. A. Políticas de innovación en turismo y desarrollo de clusters: la percepción gerencial en el programa agrupaciones empresariales innovadoras, 2014. In: SANTOS, A. S. **Clusters de Turismo**: contribuição do Vale dos Vinhedos para a economia do Sul do Brasil, 2016.

BARBIERI, C. An importance-performance analysis of the motivations behind agritourism and other farm enterprise developments in Canada. **Journal of Rural and Community Development**, Brandon, v.5, n. 1/2, p. 1-20, December, 2010.

BARHAM, E. Translating terroir: the global challenge of French AOC labeling. **Journal of Rural Studies**. Vol. 19, n. 1, jan 2003. p. 127-138.

BENI, M. C. **Turismo**: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters. Barueri: Manole, 2012.

BRESSER-PEREIRA, L. C. O Conceito histórico de Desenvolvimento. São Paulo, Texto para Discussão 156, FGV, 2006. 24 p.

CORIGLIANO, M. A. **Strade del vino ed enoturismo**: distretti turistici e vie di comunicazione. Milano, Itália: Franco Angeli, 2000.

DALLANHOL, E. B.; TONINI, H. **Enoturismo**. São Paulo: Aleph, 2012.

DAS, B.; RAINEY, D.; Agritourism in the Arkansas Delta Byways: Assessing the Economic Impacts. **International journal of tourism research**, v.12, p.265-280, October, 2009.

FERREIRA, J. Do desenvolvimento local ao desenvolvimento territorial. **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, São Paulo, 2009, pp. 1-21.

FLORES, S. M.; MEDEIROS, R. M. Desenvolvimento territorial sustentável: uma abordagem sobre sustentabilidade na agricultura. **V Encontro de Grupos de Pesquisa Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformação Socioespaciais**. Santa Maria, 2009.

FLORES, S. S. **Desenvolvimento territorial sustentável a partir dos territórios do vinho**: o caso dos vinhos da campanha. 2011. 153f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2011.

HALL, C. M. MACIONIS, N. **Wine tourism in Australia and New In rural areas**. New York: John Wiley & Sons, 1998.

LIGNON-DARMAILLAC, S. **L'Oenotourisme en France**: nouvelle valorization des vignobles – analyse et bilan. Paris: Feret, 2009.

PERROT, I. L'imaginaire de la vigne et du vin: un patrimoine culturel à préserver. **Revista de Cultura e Turismo**, ano 8, n. 3, out, 2014.

SCHNEIDER, S. (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

VALDUGA, V. **O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos**. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2007.

VALDUGA, V.; GANDARA, J. M. G.; PAIXÃO, D. L. D. Análisis de la Metodología de Aplicación del Proyecto Economía de la Experiencia a un Destino Turístico Brasileño. In: FRAIZ BREA, J. A. (Org.). **Creación y desarrollo de productos turísticos**: innovación y enfoque experiencial. Ourense: AECIT, 1, (2012). (485-493).

VIEIRA, A. C. P.; PELLIN, V. As indicações geográficas como estratégia para fortalecer o território: o caso da indicação de procedência dos vales da uva Goethe. **2º Seminário Nacional de Planejamento e Desenvolvimento**, Florianópolis, 2014.

VIEIRA, P. F. Rumo ao Desenvolvimento Territorial Sustentável: Esboço de Roteiro Metodológico Participativo. In: **Desenvolvimento Territorial Sustentável**: Conceitos, Experiências e Desafios Teórico-Metodológicos Eisforia, Florianópolis. Vol. 4. N. Especial. Dezembro, 2006.

SOBRE O ORGANIZADOR

CARLOS ANTÔNIO DOS SANTOS Engenheiro-agrônomo formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ; Especialista em Educação Profissional e Tecnológica pela Faculdade de Educação São Luís, Jaboticabal, SP; Mestre em Fitotecnia (Produção Vegetal) pela UFRRJ; Doutorando em Fitotecnia (Produção Vegetal) na UFRRJ. Tem experiência na área de Agronomia, com ênfase em Produção Vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: Olericultura, Cultivos Orgânicos, Manejo de Doenças de Plantas, Tomaticultura e Produção de Brássicas. E-mail para contato: carlosantoniokds@gmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-151-0

